

Chuvas e frete salgam os preços nos sacolões

VIDA CARA

Aumento foi apurado para o repolho, de janeiro à semana passada, entre 18 sacolões de BH pesquisados. Remarcações alcançam de folhosos a frutas, e consumidores se retraem

Frete alto e perdas no campo elevam preços em mais de 152%



QUANTO CUSTA
DIFERENÇAS DOS PREÇOS DO QUILO PARA OS MESMOS PRODUTOS EM BH

Quiabo
 R\$ 3,98 a R\$ 19,80 – variação de 397%

Jiló
 R\$ 2,98 a R\$ 12,90 – variação de 332%

Maçã nacional
 R\$ 3,98 a R\$ 12,99 – variação de 226%

Fonte: site MercadoMaior

Principal vilão dos reajustes, repolho é seguido pelos aumentos também impressionantes de 140% da abóbora e 83,7% da cenoura



Tomate italiano encontrado a R\$ 16,80 o quilo é exemplo de situação que leva donas de casas a reduzirem o volume das compras

Nova regra facilita escolha de produtos

ANA LAURA QUEIROZ*

Para marcar a Semana do Consumidor, o Programa de Proteção e Defesa do Consumidor de Minas Gerais (Procon-MG) promoverá ação educativa, em parceria com os Procons municipais, orientando os consumidores sobre nova regra de precificação de produtos. A iniciativa, batizada de Procons em ação: Preço legal, começou ontem e se estenderá até esta sexta-feira como media educativa.

A precificação por unidade de medida obriga os fornecedores a informarem, de forma legível, clara e ostensiva, além do preço dos produtos, o preço por quilo, litro, metro ou quantidade. A regra por unidade de medida está prevista no artigo 6º, inciso XIII, do Código de Defesa do Consumidor.

Segundo o Procon Estadual, a norma busca facilitar a comparação dos preços pelos consumidores, permitindo o exercício da livre escolha, baseado no melhor custo/benefício dos produtos. "O consumidor precisa estar mais esclarecido e consciente quanto ao produto que ele compra e consome. Agora, ele terá uma unidade única como referência", comenta o presidente da Associação Mineira da Indústria da Panificação (Amipão), Winicius Dantas.

Para o líder empresarial, a comparação dará conforto para o consumidor, que poderá comparar fácil e rapidamente os preços, sem a necessidade de uma calculadora ou papel, além de permitir que ele agilize o processo da compra. "Vai contribuir muito para a decisão de compra", afirma.

Além do consumidor, o fornecedor também deve se adaptar às mudanças. Durante a ação educativa, os fiscais dos Procons visitarão os fornecedores e solicitarão o preenchimento de questionário, com a finalidade de verificar se já estão cumprindo a nova forma de precificação. Junto a isso, será oferecido material educativo sobre as mudanças.

A ação contará com a participação de entidades representativas de fornecedores, como a Associação Mineira dos Supermercados (Amis), Associação Mineira da Indústria da Panificação (Amipão), Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL-BH) e Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Minas Gerais (Fecomércio-MG).

* Estagiária sob supervisão do subeditora Marta Vieira

Vinicius Prates*

Alimentos essenciais à mesa, os hortifrutis sacrificam o bolso do consumidor de Belo Horizonte com preços que resistem a cair, ainda influenciados pelos efeitos das tempestades do começo do ano nas lavouras e o aumento do custo do frete, sob pressão dos reajustes dos combustíveis. Em relação a janeiro último, houve remarcações nesses produtos de mais que o dobro, segundo levantamento feito de 9 a 11 deste mês pelo site de pesquisas de preços Mercado Mineiro e o aplicativo ComOferta em 18 sacolões da capital mineira.

A lista dos vilões do orçamento das famílias é comandada pelo repolho, que sofreu reajuste de 152,41% no período. O preço médio do quilo subiu de R\$ 2,51, em 12 de janeiro, para R\$ 6,34, no último dia 10. A vice-liderança é exercida pela abóbora, que encareceu de R\$ 2,91 a R\$ 6,99 o quilo, elevação de 140,05%. A cenoura custava, em média, R\$ 5,96 o quilo e, agora, é vendida a R\$ 10,95, em média, acréscimo de 83,75%.

Entre os produtos que tiveram menores aumentos na comparação de março com janeiro estão tomate, cebola branca, alface americana e cebolinha, com altas entre 24,95% e 32%, mas que, ainda assim, apresentam

custo expressivo. O preço médio do tomate alcançou R\$ 10,32 por quilo, enquanto a cebola branca já é encontrada a R\$ 5,14 o quilo. Versão sofisticada entre as folhosas, a alface americana tem preço médio de R\$ 5,24 no levantamento do site Mercado Mineiro. Ontem, no Mercado Distrital do Cruzeiro, em BH, o quilo do tomate italiano era vendido a R\$ 16,80 e o quilo do repolho a R\$ 9,80.

Ainda de acordo com o levantamento de preços, os únicos itens que apresentaram queda foram a banana-prata, de R\$ 6,84 para R\$ 5,16 o quilo, redução de 24%, e abacate, cujo quilo barateou de R\$ 12,20 para R\$ 8,17, 33% a menos em quase dois meses e meio. Os aumentos nos preços refletem, na avaliação do diretor da empresa, Feliciano Abreu, a baixa na oferta, com os estragos que as chuvas provocaram nas plantações no início deste ano, mais recentemente combinada ao impacto do custo do transporte.

MENOS CONSUMO A dona de casa Rita Valéria Ferreira, de 58 anos, reclama do impacto da alta de preços. "Dias difíceis, preços disparados, não param de subir. Como donas de casa, temos que ter muita cautela, saber comprar e dividir o dinheiro", destaca.

Diante dos preços elevados, Rita diz que tem buscado alternativas aos pro-

dutores mais caros. "O preço do chuchu chegou a R\$ 6. O tomate custa R\$ 12,90. Então, o que eu faço é comprar a batata-doce, a R\$ 6. Vou só nos itens a R\$ 6, não compro nada que está além e assim passo a semana", ressalta. Ela conta que diminuiu também a quantidade de produtos.

A consumidora entende os impactos da chuva nos preços no sacolão, mas espera que com o fim do período chuvoso os preços voltem a baixar. "Fruí muita chuvia, a gente entende que as verduras foram muito prejudicadas por conta das águas né, mas de agora pra frente já vai melhorar", pontua.

Além dos consumidores, os comerciantes consideram a situação dos preços também complexa. O gerente do Super Varejão da Fartura, Marcelo Alves de Castro, afirma que os aumentos repassados pelos fornecedores atrapalham o negócio. "Os produtores repassam o custo com as chuvas. A gente compra caro lá na Ceasa (entrepósito da Grande BH) e aí temos que repassar esse preço para o consumidor. Acaba que o consumidor se assusta", admite.

O gerente ainda comenta que os preços afetam outros setores. "Os consumidores ficam assistados. Igual a pessoa que trabalha com restaurante, tem que comprar em maior quantidade. Ela também tem que repassar esse preço

para o consumidor no preço da comida. Uma coisa vai puxando a outra".

Marcelo Castro espera que os preços voltem a baixar. "Depois que os produtores começarem a produzir mais, tendo mais colheita, a tendência é baixar o preço. Tudo depende da colheita deles", pontua o comerciante.

Daniel Alves da Mata, gerente do Sacolão Ponto Verde, também sentiu o impacto do aumento. Ele afirma que o período de chuva foi um dos principais fatores para as altas. "O período chuvoso, além de ser extenso, acabou com muita plantação. Com esse excesso de chuva e esse calorão agora, acaba com tudo", pontua Daniel.

Para evitar perdas, o gerente deixou de comprar a caixa do tomate, devido à forte alta repassada pelos fornecedores. "Nos últimos meses, as porcentagens [de aumento] não são 10%, 15%, 20%. Elas alcançaram 100%, 200%. Nem trouxe tomate hoje, a caixa passou de R\$ 120 para R\$ 180", enfatiza. O gerente observa que a todo momento é necessário explicar as remarcações aos consumidores, que têm reclamado dos preços. "De certa forma, as vendas diminuem. O sacolão se tornou uma coisa muito cara. A pessoa que ia levar [para casa] três quilos de tomates agora leva um quilo".

* Estagiária sob supervisão do subeditora Marta Vieira

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia Pagina: 5